

Boletim
Estudos
Clássicos



Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra

DEZEMBRO 2007

PERSUADIR PELA PALAVRA E PELA IMAGEM: *MEMORIA*

Tal como escrevemos no número anterior¹, nos séculos XVI e XVII, emblemas, hieróglifos, enigmas e epigramas eram composições artísticas literárias muito em voga e constituíam uma das formas mais requintadas de recreação literária erudita. Acrescentavam ao poder persuasivo da palavra poética o poder persuasivo da imagem. Imagens aprimoradas, figurativas ou abstractas, podiam representar um conceito, uma verdade moral, ou uma alegoria, por meio da combinação didáctica da imagem com o texto. Imagem e legenda deviam conduzir o leitor a uma determinada lição e, mais ainda, a uma determinada convicção.

Graças às suas virtualidades pedagógicas, os Jesuítas foram, nos seus colégios, grandes difusores da linguagem simbólica e alegórica. As razões de ser desta opção eram simultaneamente teóricas e práticas. Os emblemas tinham a capacidade de transmitir uma verdade de modo conciso e apelativo, agradável aos sentidos do corpo e aos sentidos da alma, acrescentando assim, ao poder da palavra, o poder da imagem.

De acordo com a doutrina de Cícero sobre a memória, para exercitar esta faculdade é necessário criar, na mente, lugares distintos (*loci*) onde colocar a imagem dos objectos que se pretende conservar na memória. A ordem desses lugares conservará a ordem das ideias e a ordem das imagens conservará a própria ordem das coisas. Assim, no pensamento e na memória, os *lugares* funcionam como as tabuinhas de cera para a escrita, e as imagens são como as letras que nelas gravamos.

A ideia é desenvolvida no *De Oratore* (II, 354), mas também na *Rhetorica ad Herennium* em que o autor expõe a mesma analogia afirmando que os *loci* são como as tabuinhas de cera ou os papiros; as imagens, por sua vez, são como as letras; a disposição e localização das imagens é como a escrita; e pronunciar um discurso é como proceder à sua leitura (*ad Her.* 3.

¹ “Persuadir pela palavra e pela imagem: *Doctrina*”, *Boletim de Estudos Clássicos* 47 (Junho 2007) 109-114.

17. 30).² Nesta concepção da memória, os *loci* são como as partes concretas de um lugar e pertencem ao que hoje se designa por memória associativa. Representam um meio para criar uma certa ordem, mediante a distribuição regular do espaço. As imagens (*simulacra, imagines*) correspondem ao actual conceito de memória visual e pretendem aprofundar a relação entre os *loci* e os *objectos* a recordar. Assim, quem quiser conservar muitas coisas na memória tem que procurar muitos *loci*, para poder situar neles um grande número de imagens, e estabelecer entre eles uma certa ordem (*ibidem*).

Em meio académico, em que a oratória era o género literário por excelência e a obra de Cícero se tornara o principal objecto de estudo literário, não admira pois que se fizesse uso das imagens como exercitação da memória. Praticavam-se as lições dos mestres.

Os jesuítas, porém, desenvolvem o poder significativo da imagem num outro sentido. O *emblema* não é uma imagem qualquer. No seu *curriculum* humanístico, os jesuítas concebiam os emblemas como parte integrante da doutrina retórica sobre os tropos. Na retórica, os tropos consistem em atribuir às palavras um sentido que está para além do sentido primitivo. O verdadeiro conteúdo das palavras é transferido para novos sentidos. No emblema, é justamente a imagem que recebe esse sentido figurativo. A imagem metafórica adquire uma função poética e torna-se parte da doutrina retórica, tal como o símbolo (veículo de um significado ainda mais profundo).

Segundo esta concepção, o pintor representaria a realidade de modo denotativo, no plano do conteúdo primitivo do real, ao passo que o autor de *emblemas* representaria a realidade transferindo o seu sentido para outro plano de significação. Por analogia com a retórica verbal, o emblema era como que um tropo ilustrado, em que a legenda indicava a transferência do sentido.

Na classe de retórica, uma das actividades mais exigentes consistia em compor e interpretar emblemas, quase sempre de finalidade persuasiva, sobre os mais variados assuntos: as virtudes cardeais, as três faculdades humanas (a memória, a inteligência e a vontade), a guerra e a paz, os mistérios da fé, a vida de Nossa Senhora ou dos Santos, a heresia, a consciência, a amizade, a juventude, a caridade, a justiça... ou mesmo sobre as matérias abstractas que faziam parte do programa lectivo, como a obra de Cícero e o seu pensamento retórico-filosófico.

² Sobre a analogia com a cera cfr. ainda Platão, *Teet.* 191c; Cícero, *Part. Orat.* 6, 26.

A imaginação emblemática adequava-se especialmente aos espaços públicos, onde a finalidade persuasiva inventava novos expedientes, mais subtis e aliciantes.

São, além disso, várias as ocasiões em que a *Ratio* alude à exposição de poemas e de emblemas nas paredes, em lugares públicos, dentro do colégio, ou simplesmente na sala de aula: Regras para a academia de retórica n.º 7; Regras para o prefeito de estudos inferiores n.º 3; Regras para o professor de retórica, n.º 18.

Cada exposição pública recebia uma moldura específica (para enquadramento material da imagem com a respectiva legenda), e um tema próprio. Desta vez, a exposição era submetida ao tema das três faculdades da alma e o poder de convicção dos emblemas foi orientado para a própria memória, uma das faculdades humanas imprescindível ao próprio acto de estudar, desenvolver aptidões e aprender. De elevado nível de elaboração, as imagens reflectem o modelo educacional próprio da *Ratio Studiorum* (a *magna charta* da actividade escolar dos jesuítas, que estabelecia o curriculum escolar dos colégios, ao mesmo tempo que organizava os traços gerais do seu funcionamento interno). Efectivamente, os métodos didácticos nela recomendados baseiam-se largamente numa dinâmica de actividade pessoal ordenada e incessante, no apelo à repetição sem preconceitos, no estímulo constante ao exercício activo, para o desenvolvimento das faculdades humanas (vontade, memória e inteligência).

Os exemplos escolhidos foram apresentados em 1631, no Colégio Jesuítico de Bruxelas.³ Foram seleccionados quatro emblemas sobre quatro aspectos diferentes da *memória*.

³ *Tres potentiae animae, emblematicae expressae a rhetoribus et poetis Collegii Societ. Iesu.* Bruxel, Anno M.DC.XXXI, Bruxelas, Royal Library, Ms. 4040, apud Karel PORTEMAN - *Emblematic exhibitions at the Brussels Jesuit College (1630-1685)*, Brepols, 1996, pp. 84-85.

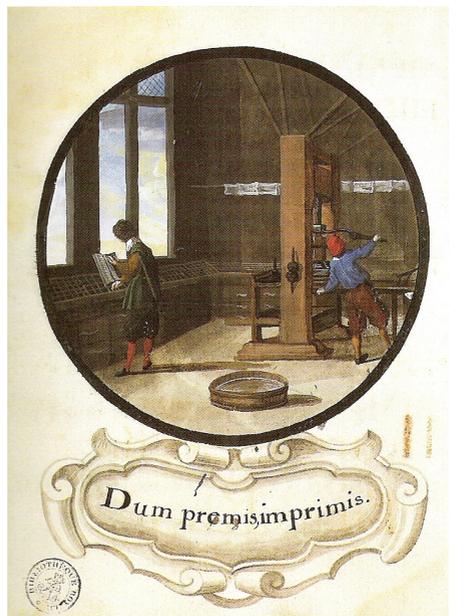


Fig. 1

O primeiro tem como fonte literária a célebre doutrina de Cícero exposta no *De Oratore*, II, 354 - livro que fazia parte integrante do programa da classe de retórica. Segundo Cícero, a memória funciona como a escrita. Esta permite gravar as letras em tabuinhas de cera; a arte da memória serve-se dos *loci* para gravar os pensamentos.

O autor deste *emblema* actualizou, porém, a doutrina de Cícero, recorrendo ao imaginário da sua época. O universo figurativo agora o do livro, da imprensa e da actividade do tipógrafo (cf. *BEC* 47 de Junho 2007). A imagem representa uma oficina tipográfica. À esquerda, o compositor compõe caracteres em texto. À direita uma prensa manual encontra-se em plena actividade, movida pelos braços esforçados do impressor: *Dum premis, imprimis*. “Se premires, imprimes”, ou seja, para que a memória conserve a informação, é preciso que a gravemos intensamente, com o mesmo esforço que o impressor aplica sobre a prensa e o papel. Assim como o papel absorve as tintas e os caracteres, assim a mente conserva aquilo que gravou com esforço. O que se aprende com mais dificuldade e dedicação é aquilo que melhor recordamos.

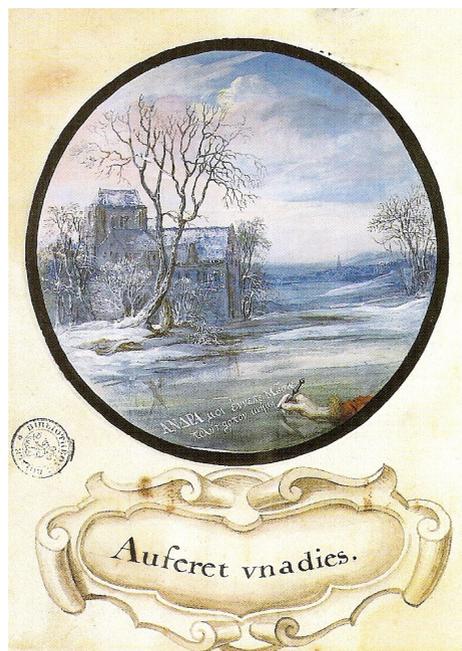


Fig. 2

Pelo contrário, o que aprendemos sem esforço pessoal ou à pressa desaparece rapidamente. É o sentido do segundo emblema. O novo quadro representa uma paisagem coberta de gelo. Em primeiro plano, sobre o gelo, uma mão, escreve, em grego, o primeiro verso da *Odisseia*: *ANDRA moi enepe, Musa...* e a legenda acrescenta: *Auferet una dies*. Aqueles que tudo querem abarcar de uma só vez e aprendem demasiado depressa não inscrevem sobre as folhas de um livro, mas sobre o gelo. Tal como o calor do sol matinal apagará quaisquer marcas sobre o gelo, assim também bastará um só dia para perder tudo aquilo que foi adquirido com superficialidade.

Um e outro emblema ilustram, afinal, uma máxima muito conhecida, segundo a qual a verdadeira cultura não é aquela que assenta na quantidade e pluralidade dispersiva dos assuntos, mas na qualidade e no aprofundamento: *non multa sed multum*, que Santo Inácio colocava no centro do seu pensamento pedagógico. Vestígios desta máxima já se encontram, porém, desde Heraclito (fr. 40 Diels-Kranz: “aprender muitas coisas não ensina a ser

inteligente”⁴), em Plínio-o-Moço (*Ep.* 7, 9: *Multum legendum esse, non multa*, “deve-se ler muito, não muitas coisas) e em Quintiliano (10, 1, 59: *Multa magis quam multorum lectione formanda mens*, “com muita leitura é que devemos formar a mente, mais do que com a leitura de muitas coisas”.

Convictos disso mesmo, os professores dos colégios davam o devido lugar ao exercício da *repetitio*, em todos os níveis de ensino e em diversos graus de alcance. O objectivo não era abarcar um programa sem limites, mas assimilar bem um determinado programa lectivo. Repetições diárias, semanais, mensais e anuais, ora sob a forma de pura repetição, ora sob a forma de disputas, exigiam do estudante um grau de participação pessoal, indispensável na construção do seu próprio saber. Só assim o saber adquirido seria conservado, não na efemeridade do gelo, mas na perenidade da mente, qual produto do impressor.



Fig. 3

⁴ Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira.

O terceiro emblema ilustra quanto a memória necessita de quietude e concentração. Qualquer factor de perturbação, como uma distração, é um impedimento à memória. É como um amontoado de papéis soltos em frente a uma janela aberta ao vento. Assim como os pequenos papéis são joguetes nas mãos do vento impetuoso, assim também as nossas memórias se tornam joguete (*ludibria*) na mão da imaginação: *Volant rapidis ludibria ventis*.

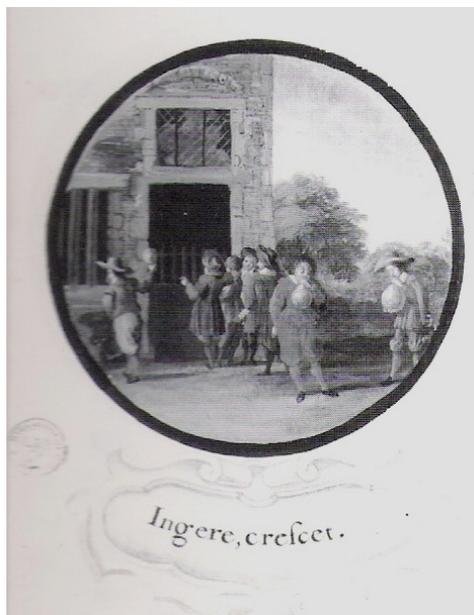


Fig. 4

Finalmente, o quarto emblema parte de um imaginário lúdico, não menos adequado ao público juvenil da *affixio*. Um grupo de rapazes diverte-se, enchendo bexigas de animal, para ensinar que a memória aumenta na mesma medida em que a preenchemos e exercitamos: *ingere, crescet* (enche-a, que ela desenvolver-se-á).

Os conselhos são actuais. Nos nossos dias assistimos a um forte desgaste do papel da memória no desempenho académico, em favor do raciocínio, devido à ideia (errónea) de que a memória se refere exclusivamente à “aprendizagem de cor”. Essa ideia é fruto de uma concepção restritiva da memória - não ciceroniana. A verdade é que, para

armazenar um vasto número de informações, conceitos, relações e nomes próprios, o raciocínio não é suficiente - é preciso utilizar a memória. A riqueza de informação armazenada na memória acaba por determinar mesmo o grau de compreensão semântica na aprendizagem.

MARGARIDA MIRANDA